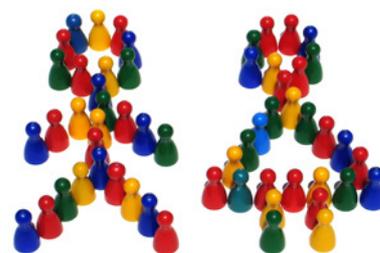


## A disciplina e o rendimento na sala de aula

A maneira como alunas e alunos se sentam na sala de aula, as brincadeiras realizadas no pátio e o modo como a disciplina é organizada são exemplos de situações em que se reitera e legitima a produção de masculinidades e feminilidades como essências e pólos hierarquizados. Por outro lado, constituem oportunidades de construir a igualdade de gênero. Como meninas e meninos aprendem sobre o masculino e sobre o feminino na escola? Como as relações de gênero aparecem no seu cotidiano escolar? Como as relações de gênero estão presentes em elementos como disciplina, diferenças de rendimento, brincadeiras no pátio, atividades na sala de aula? Pense sobre isso ao ler esse texto.

As diferenças percebidas entre os sexos, em razão da existência das relações de gênero, são organizadoras do espaço social, ou seja, o fato de as meninas e as moças serem consideradas mais quietinhas e de os meninos e rapazes serem vistos como os mais bagunceiros é levado em conta na hora de decidir quem vai sentar com quem e em quais lugares da sala.



Por um lado, há quem organize os alunos e as alunas em alternância nos assentos da sala de aula. Com o objetivo de criar disciplina, nas séries iniciais, meninos sentam-se com meninas e meninas sentam-se com meninos. O objetivo disto, segundo algumas professoras, é garantir menor possibilidade de dispersão. Parte-se da idéia de que tal "mistura" poderia assegurar um bom andamento da disciplina em sala de aula. Por outro lado, alguns docentes, para instituírem ordem, não juntam meninas e meninos, ao contrário, lançam mão da "separação" dos grupos, o que também é justificado por eles com base nas diferenças sexuais.

De um modo ou de outro, **as características tradicionalmente consagradas como femininas e masculinas** são evocadas na construção da noção de disciplina e em sua prática no espaço escolar. Temos como exemplo situações rotineiras, nas quais as professoras pedem para as meninas fazerem mais silêncio e, assim, ajudarem na manutenção da ordem em sala. Além disso, o uso da palavra pode ser distribuído e motivado de modo desigual entre alunas e alunos.

*Leia o texto Mau Aluno, Boa Aluna? Sobre como as professoras avaliam os meninos e as meninas, escrito pela profa. Marília Pinto de Carvalho, da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo: <http://www.scielo.br/pdf/revf/v9n2/8640.pdf>*

É comum que os estudantes (rapazes e meninos) sejam aqueles que marcadamente apresentam “problemas de disciplina”. Os modos de construção social do masculino, assim como as idéias sobre o que esperar de um menino, geralmente contêm dados que associam os meninos à imagem de “bagunceiros” ou “ameaçadores da ordem”. A socialização a que são sujeitos os meninos conduz a uma maior disposição em exteriorizar a recusa à autoridade do professor e da professora, contestando-a. Homens e meninos teriam, assim, por um conjunto de fatores socioculturais, uma maior tendência a desafiar figuras de autoridade porque, de vários modos, este é um comportamento socialmente legitimado, e até mesmo esperado, dos indivíduos do sexo masculino. Tal realidade, ainda que não seja passível de ser generalizada, é bastante comum nas escolas e, de certo modo, corrobora para que os alunos meninos tenham um desempenho escolar abaixo do que poderiam. Isto deriva de uma noção de disciplina fundada na percepção das diferenças sexuais e nas desigualdades de gênero e que também resulta em conseqüências negativas para as meninas, que estariam fadadas a “obedecer sempre”, parecendo jamais questionar educadoras e educadores.

Assim, um mesmo ato pode ser percebido desigualmente pelos/as estudantes. Para eles/elas, a recusa da autoridade do educador e da educadora é muitas vezes uma maneira de exercer certa independência e autonomia. Em algumas ocasiões, as/os professoras/es acabam por

**Em relação às meninas, buscar autonomia e independência, ou mesmo distanciar-se espacialmente dos adultos, pode ser uma atitude que não combina com o feminino.**

considerar esse comportamento uma manifestação desejada e necessária de masculinidade. Esta representação está inclusive presente em ditados populares, como “menino muito quietinho é porque está doente”.

Em relação às meninas, buscar autonomia e independência, ou mesmo distanciar-se espacialmente dos adultos, pode ser uma atitude que não combina com o feminino. Tende a haver maior tolerância a comportamentos e a práticas considerados indisciplinados ou desrespeitosos em sala quando realizados por meninos, adotando-se uma postura mais rígida diante das faltas cometidas pelas meninas. Um dos efeitos desta desigual maneira de agir dos docentes diante da indisciplina de alunos e alunas explica, em parte, a diferença de rendimento entre eles e elas.

Se é comum que as meninas tenham cadernos mais completos e organizados do que os meninos, também é considerado normal que eles abandonem, mais do que suas colegas do sexo feminino, as tarefas escolares para conversar, andar pela classe ou desenhar. Embora nem todos os estudantes façam isso, vale notar que quando há algum grupo impedindo, de modo ruidoso, o desenvolvimento do trabalho em sala de aula, ele é composto, na maioria das vezes, por pelo menos um menino ou rapaz em meio a meninas e moças.

Diante destas descrições, nota-se que a atuação dos meninos costuma ser prejudicial ao seu desempenho escolar.

O rendimento das estudantes é favorecido de diferentes maneiras, pois a escola beneficia-se das distintas habilidades produzidas por outras instâncias de socialização. O papel de “boa aluna que ajuda os colegas” é uma dessas habilidades. As meninas devem ser aquelas que servem e cuidam, que estão à disposição para ajudar e atender às necessidades das outras pessoas. Estes são afazeres e posturas relacionados à feminilidade, segundo o modo com que tradicionalmente as relações de gênero foram construídas e organizadas em nossa sociedade. Vale notar que isto não corresponde a uma subordinação das estudantes, uma vez que aceitar tais demandas dá a elas a oportunidade de angariarem prestígio ao se relacionarem, em um patamar diferenciado, com as/os professoras/es e com os/as demais estudantes.

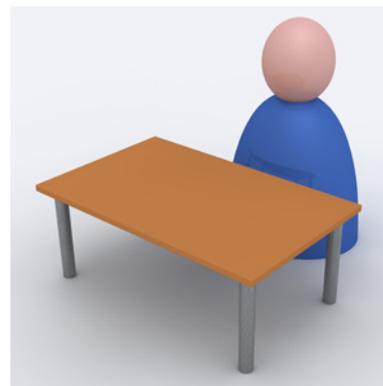
Fazer com que as estudantes assumam tarefas de organização e cuidado expressa como a tradicional socialização feminina opera na escola de modo a reforçar e a perpetuar uma determinada divisão sexual do trabalho, na qual as mulheres e os homens devem se ocupar de diferentes obrigações. Nesta divisão, as meninas e as mulheres são as obedientes cuidadoras, que *trabalham duro* e asseguram a ordem, sem subvertê-la ou questioná-la. Para meninos e homens, resta corresponder à demanda por comportamentos *rebeldes e agressivos*, a fim de ser reafirmado um modelo específico de masculinidade.

Outro argumento que parece ser recorrente quanto a problemas no rendimento de estudos para meninas seria terem um “aguçamento” maior quanto à sua sexualidade. Para alguns professores/as, as meninas despertariam sexualmente antes que os meninos, daí elas serem tidas com freqüência como bem mais “atiradas”, ou seja, são elas que tomam a iniciativa nos relacionamentos amorosos ou sexuais, o que acarretaria prejuízos aos seus estudos.

**Como atualmente as meninas tomam a iniciativa nos envolvimento amorosos, afetivos e sexuais, este tipo de atitude é interpretado como uma inversão de papéis.**

Por outro lado, nenhuma referência é feita aos meninos no que diz respeito à relação direta entre prejuízo nos estudos e envolvimento sexual.

A percepção sobre o despertar da sexualidade nas meninas é muitas vezes vista e interpretada diferentemente do despertar nos meninos. Como atualmente as meninas tomam a iniciativa nos envolvimento amorosos, afetivos e sexuais, este tipo de atitude é interpretado como uma inversão de papéis. Afirmar-se que antigamente, pelo contrário, eram os meninos e os homens que tomavam a iniciativa nos relacionamentos. Desta forma, é possível observar que aquilo que está oculto é o poder de quem escolhe quem. No passado, os homens escolhiam as mulheres e, hoje em dia, seriam as mulheres que escolheriam os homens, o que no cotidiano das escolas estaria prejudicando as alunas em seu rendimento escolar. É



importante perceber também que nestas observações estão embutidas preocupações de ordem moral: as meninas deixam de ser recatadas, puras, inocentes, aquelas que precisam se resguardar, não devendo demonstrar nenhuma iniciativa e experiência sexual.

As preocupações com a “inversão de valores” demonstram a exigência de uma “virgindade moral” (Heilborn, 2006)<sup>1</sup> para as meninas, a partir de um comportamento passivo e ingênuo imposto a elas. A “ordem” estabelecida entre os **papéis de meninos e meninas**, de homens e mulheres quanto a relações afetivas e sexuais não pode sofrer alterações, ou seja, as mulheres devem ser recatadas e esperar que os homens as procurem. Os homens, por sua vez, deverão sempre tomar a iniciativa, portanto, precisam ter experiência no assunto.

*Para saber mais sobre co-educação e para ter mais subsídios para pensar sobre a convivência de alunas e alunos na escola mista, sugerimos a leitura Educar meninas e meninos: relações de gênero na escola, da prof<sup>a</sup>. Daniela Auad, da Universidade Federal de São Paulo, publicado pela Editora Contexto, 2006.*

<sup>1</sup> HEILBORN, Maria Luiza. Entre as tramas da sexualidade brasileira. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v.14, n.1, p.43-59, Jan./Abr. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v14n1/a04v14n1.pdf> Acesso em: 25 jun. 2008.